



GT06 - Educação Popular – Trabalho 1016

PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS POR IDOSOS RESIDENTES DE UM ABRIGO

Reijane Salazar Costa – UFSCAR

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

O presente artigo busca apresentar os resultados de pesquisa desenvolvida no mestrado que teve como objetivo compreender processos educativos vivenciados por idosos (as) na relação que eles (as) mantêm entre si e entre as pessoas que frequentam e/ou trabalham numa instituição para idosos na cidade de São Carlos, Estado de São Paulo. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de Março e Agosto de 2014. Apoiou-se no referencial da Educação Popular, ancorado nos eixos do diálogo e da convivência. Foram feitas inserções no campo de pesquisa concretizando observações participantes, diários de campo e entrevista com uma idosa moradora do abrigo. Foi realizada análise temática de dados. Os processos educativos surgiram de duas categorias. **1) Ser Velho**, onde uma idosa aponta o significado de ser velho (a). **2) Inconformidade - Conformidade**, que apresentou inconformações e conformações de idosos de residir em instituição. Estes demonstram sua inconformação por meio de gestos, palavras, ações. E a conformação por meio de aceitação de sua nova realidade. Os resultados proporcionaram uma visão ampliada sobre novos caminhos acerca da formação humana e contribuíram para refletimos sobre os cuidados que estão sendo prestados para os longevos, num olhar a partir da Educação Popular.

Palavras-chave: Processos Educativos. Envelhecimento. Instituição de Longa Permanência para Idosos

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de pesquisa de mestrado acerca de processos educativos desenvolvidos nas relações vivenciadas por idosos numa Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI, localizada na cidade de São Carlos, no interior paulista. Me incitou neste trabalho conhecer como “mulheres e homens em diferentes condições e com compreensões de vida distintas vão se educando” e “construindo jeitos de ser, viver, conviver umas com as outras, nos ambientes que herdaram e onde atuam, convivem e também naqueles que criam” (SILVA, 2014, p.19). Colocamos em diálogo a área da educação e saúde, trazendo a abordagem do envelhecimento e dos processos educativos

vivenciados por idosos (as) institucionalizados. A revisão bibliográfica realizada apontou que o tema do envelhecimento ainda é pouco investigado na área da Educação. A produção de conhecimentos nessa área da Educação pode contribuir com a criação e a recriação de formas de lidar e entender as pessoas idosas. A partir da revisão feita constatou-se que existe uma produção extensa sobre envelhecimento e Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI, mas essas produções estão centradas principalmente na área das ciências da saúde e focando os aspectos de cuidado ao idoso, os cuidados de enfermagem, saúde física e saúde alimentar. Dentre os trabalhos selecionados na área da educação, que foram desenvolvidos na Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”¹, encontrei dois trabalhos, o de Gonçalves (2013) e o de Silva (2008), que versaram questões relacionadas a processos educativos e envelhecimento, os demais trabalhos são frutos de construções de processos educativos, em outros âmbitos e espaços.

E neste sentido, partindo da área da educação, procuramos contribuir para ampliação da compreensão da temática, sendo uma produção que visa agregarem-se as que já foram produzidas até o momento, por que, segundo Oliveira (2003, p.12): “a educação dialógica acontece no trabalho conjunto e no intercâmbio, em que todos aceitam como valiosas as diferentes contribuições de cada um, embora oriundos de diferentes bases” do conhecimento.

Compreendemos que são nas práticas sociais, que “desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas,” que as pessoas aprendem e ensinam umas as outras (OLIVEIRA, et al, 2009, p. 4). Na definição trazida por Cota (2000, p.211), temos que “as práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele.” Nas práticas sociais, interagimos com as pessoas de nosso convívio social, e esta interação se dá na busca pelo conhecimento de nós mesmos e dos outros.

Para Cota (2000, p.211):

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que delas fazemos, orientam nossas ações formando-nos. Esta formação decorre de uma

¹ Para maiores informações sobre a Linha e Grupo de Pesquisa Sociais e Processos Educativos o endereço: <http://www.processoseducativos.ufscar.br>.

práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos.

Nas práticas sociais são desencadeados processos educativos e esses processos ocorrem à medida que convivemos e mantemos relações com um objetivo comum com as pessoas, grupos. Para participarmos das práticas, conhecê-las e vivenciá-las é necessário um percurso de convivência, é preciso conviver. E conviver é está envolvido com as pessoas, com a comunidade, com o grupo, é ter certa intimidade; é criar laços de confiança com as pessoas que estão no local onde você mora, trabalha, estuda. Conviver é conhecer sobre o cotidiano, sobre a vida das pessoas que estão a nossa volta. Conviver é participar dos acontecimentos que ocorrem no local de convívio. O convívio requer uma aproximação que não é de um dia, uma hora. Conviver requer estar junto para que se possa conhecer o que de fato acontece com as pessoas. Conviver é um processo de aprendizagem no qual “eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para construção de um nós em que todos estão implicados” (OLIVEIRA et al, 2009, p.1). A vida se dá, “em um mundo significativo e simbólico, o mundo compreensivo da cultura e da história” (FREIRE, 2011, p.124).

Os homens, [...], ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que compõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separa-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é história (FREIRE, 2011, p.124).

Nos diversos contextos culturais e sociais as pessoas se formam e se constroem enquanto pessoa; identificam-se enquanto membros de um grupo, comunidade. (OLIVEIRA et al., 2009). As práticas estão presentes nas nossas vidas quando estamos nos relacionando, interagindo, convivendo com outras pessoas. O sentido da “existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente [...] na existência dos homens o aqui não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (FREIRE, 2011, p.124).

Todaro (2009) também sinaliza que a aprendizagem é um processo contínuo vivenciado por todas as pessoas durante toda sua trajetória de vida. Ainda mencionando a autora temos que durante toda a vida:

as pessoas não são apenas ensinadas ou alvos da ação condutora da educação proporcionada por outrem, elas também ensinam e conduzem

o próprio processo de desenvolvimento mediado por influências externas capazes de provocar nelas uma reflexão cada vez mais crítica. Lembrar esses princípios é reafirmar a fé no progresso dos indivíduos de idades variadas, dos grupos sociais e da sociedade por intermédio da educação (TODARO, 2009, p.25)

Embora Silva (2014, p.21) não faça menção a problemática deste estudo, o lugar que é ocupado pelos velhos (as) em nossa sociedade, a brasileira, utilizo suas palavras para expressar meu entendimento sobre esse lugar: “sei que é cada vez mais frequente o número de pessoas que negam valor ao passado: ‘isso já passou, não vale. A experiência vivida não tem mais interesse algum. O que vale é o agora.’” Aos idosos (as) é negado o valor de seu passado, experiência. Seu conhecimento é ultrapassado, porque seu tempo já passou e faz parte do passado. E por ser passado, não tem mais lugar em nosso futuro, em nossas casas, em nossas famílias. Ainda de acordo com a autora tem-se que:

Quem assim pensa, é como se estivesse sempre começando, num novo nascimento, sem nenhuma experiência anterior, já que avaliam ter perdido valor e interesse no que passou. Tais pessoas, na maior parte das vezes, formulam suas afirmações com agressividade (SILVA, 2014, p.21).

No pensar de Silva (2014), o qual também compartilho, que é apoiado na sabedoria africana, para crescer é necessário voltar o olhar para o que já passou para trás, não para se restringir ao que já foi, copiar o passado, mas para avançar em direção ao futuro, ao que vem pela frente, a nova jornada. Sendo assim, “é importante lembrar e significar o já vivido” (SILVA, 2014, p.21).

Em estudos, Debert (2006, 2012); Camarano, Pessinato e Lemos (2007); Camarano e Kanso (2010) trazem uma reflexão sobre a visão que é atribuída ao envelhecimento populacional na sociedade brasileira, uma visão de que ser o envelhecer é um problema social.

Quando o envelhecimento é negado, nega-se nossa humanização. A maior longevidade, em se tratando de uma “nova” realidade frente ao envelhecimento populacional deve ser um objeto de reflexão crítica. Reflexão que contribua para que o ser que é considerado menos possa lutar para *ser mais*; que sua nova realidade não seja motivo para sua desumanização.

Estudar e compreender o envelhecimento são formas de lutar contra a desumanização; é, “indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, a partir dessa

dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade - a de sua humanização” (FREIRE, 2011, p.40). Mas, enquanto possibilidades de transformação da realidade, somente a humanização é “vocação humana”, de *ser mais* (FREIRE, 2011, p.40). No entanto, ela pode ser negada, mas é também em sua negação que é afirmada. Está é negada quando ocorre injustiça, exploração, opressão e violência com os oprimidos. É afirmada na busca de liberdade, de direito, na luta, reivindicação dos que estão em situação de opressão, pela retomada de sua vocação que foi tirada. Verifica-se a negação da humanização, em quem tem sua vocação roubada e também em quem a rouba. Quando se tem a humanização roubada, tem-se uma mudança no sentido da vocação, e esta passa a ser distorcida. A mudança de vocação, a distorção, é possibilidade na história, porém não vocação da humana (FREIRE, 2011). Mediante a problemática do local que é ocupado pelos idosos em nossa sociedade surgiu a questão da pesquisa, a qual foi: que processos educativos estão presentes nas relações que são vivenciadas entre idosos, e entre eles (as) e pessoas que frequentam e ou trabalham numa instituição de longa permanência para idosos, os quais têm construções de vida distintas, conhecimentos e saberes peculiares, mas que juntos convivem e sobrevivem nesta instituição?

Formulado este questionamento buscamos descrever e compreender os processos educativos desenvolvidos na relação entre idosos (as) residentes de uma Instituição de Longa para Idosos em um município do interior paulista e pessoas que frequentam e/ou trabalham neste espaço. Caracterizando-se assim por uma investigação qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006), tendo como eixos o diálogo e a convivência (FREIRE, 2011) em que a pesquisadora se inseriu no campo de pesquisa realizando observações participantes (BRANDÃO, 1981b) e diários de campo (BOGDAN e BIKLEN, 1994) que tiveram complementação por meio de uma entrevista (BOGDAN e BIKLEN, 1994) com uma idosa residente do abrigo. O trabalho de campo foi realizado junto ao Abrigo de Idosos “Dona Helena Dornfeld”, na cidade de São Carlos, localizada no interior de São Paulo, entre os meses de Março e Agosto de 2014. Sustentou-se teórica e metodologicamente no referencial da Educação Popular (FREIRE, 2011). Foi feita análise temática de conteúdo (BARDIN, 2008).

O DESVELAMENTO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS NO ABRIGO DE IDOSOS

A análise dos dados foi obtida por meio das observações participantes, dos diários de campo e da entrevista com uma idosa residente da instituição, evidenciou 2 categorias que se constituíram como dimensões dos processos educativos vivenciados nas relações mantidas por idosos (as) em ILPI. As categoria são: **1) Ser Velho**, onde uma idosa aponta o significado de ser velho em sua percepção. **2) Inconformidade** - Conformidade, que configura a demonstração das inconformações e conformações em residir em instituição. Para este artigo, apresentaremos as análises destacadas nas 2 categorias.

Na categoria Ser Velho trouxe a atribuição dada por Dona Clarice ao ser velha. Perguntei o que é ser idosa o significado atribuído ao envelhecer para Dona Clarice. Ao abordar o que é ser idosa, velha, ela aponta dois pontos de vista sobre ser velha. O primeiro está relacionado à perda de forças, incapacidade para realizar trabalhos domésticos, manuais; não ter vontade de fazer nada. Ela disse que quando as pessoas ficam velhas não servem mais pra nada, além de que a velhice é muito triste e desagradável. A velhice é desagradável porque ela se lembra de seu tempo de mocidade, dos tempos que cozinhou, e hoje não faz mais nada disso. Também traz o aspecto positivo de ser velha: ela diz que tem preguiça, quem não liga muito para trabalhos, não; Disse que é bom não ter que fazer nada. Os filhos de Dona Lúcia pagam tudo para ela no Abrigo, eles não a deixam trabalhar mais. Ela já trabalhou tanto e se tivesse dinheiro pelo tanto que já trabalhou, hoje seria rica. Antes ela não tinha tempo de fazer crochê, dentre outras coisas, pois ela sempre tinha muito trabalho. Agora que ela tem muito tempo já não consegue fazer mais nada porque suas mãos não deixam. Quando fala nessa parte, ela dá risada. Ela pensa no tanto que trabalhou e hoje não é rica. Segundo seus relatos, trabalhar não deixa ninguém rico.

Também traz o aspecto positivo de ser velha, ela diz que tem preguiça, quem não liga muito para trabalhos não. Diz que é bom não ter que fazer nada. Que os filhos de Dona Lúcia pagam tudo para ela no Abrigo, eles não deixam ela trabalhar mais. Ela já trabalhou tanto e se tivesse dinheiro pelo tanto que já trabalhou, hoje seria rica. Antes ela não tinha tempo de fazer crochê, de fazer outras coisas, para ela sempre tinha muito trabalho. Agora que tem muito tempo não consegue fazer mais nada porque suas mãos não deixam.

Ser idosa? Ai gente, eu me considero idosa porque a gente perde as forças, perde tudo. O que a gente fazia a gente não faz mais. Eu tenho uma preguiça. Uma preguiça menina. Agora, eu, de verdade, já trabalhei muito. Nossa! Se trabalho deixasse rica, eu era rica porque já trabalhei muito. [...] E hoje eu não tenho coragem de fazer nada, nada. Eu acho bom ficar assim. Antes eu falava assim, aí quando eu me aposentar eu acho que eu não consigo ficar parada. Acho que tenho que fazer alguma coisa. Nossa, o serviço pode estar entrando na boca e

saindo nos olhos, eu nem ligo [...], eu nem ligo. Eu fico o dia inteiro [...], a gente pode fazer um trabalhinho aí, fazer um crochê, mas eu não posso fazer porque as mãos não ajudam. Antes eu não fazia porque não tinha tempo, nunca tive tempo de fazer essas coisas. Mas alguma coisinha ainda lembrava se não fosse a mão. Eu podia lembrar, mas alguma coisa eu ainda lembrava. Podia fazer as coisinhas para distrair um pouco, mas não posso, então fico o dia inteiro sem fazer nada. Depois que a gente fica velho não presta mais pra nada. É como eu estava falando, a gente não tem vontade de fazer nada. A gente lembra no que já fez e pensa assim: meu Deus [...], mas parece que não foi a gente que fez aquilo. E agora eu me lembro [...] e penso meu Deus, como é que eu faço assim? Lembro que eu via serviço e não fazia cara, trabalhava tanto. Trabalhava de noite. Quando eles tinham cantina eu entrava no serviço três horas e às quatro horas e tinha final de semana assim, que tinha muito movimento e quando era cinco horas da manhã nós estávamos lavando a cozinha. Eu imagino que via serviço e não fazia cara. E agora se for para eu fazer uma coisa menos que isso eu não faço. Eu não tenho mais coragem.

Dona Clarice vai me contando que a velhice é muito triste, é desagradável. A vontade que sentia de trabalhar hoje não tem mais. Essas sensações são sentidas porque ela lembra que em sua mocidade podia fazer muitas coisas, e no momento atual de sua vida não tem mais condições de fazer. Ela cozinhava e tinha as receitas todas em sua cabeça, mas com o tempo foi esquecendo. As vezes ela começa a lembrar, mas prefere parar porque não lembra como continuar.

Eu acho que a gente não tem força, não tem mais vontade de nada, não tem gosto, vai fazer as coisas e não sai direito. Ah, eu acho a velhice muito triste, sabe? Eu acho que a velhice é muito desagradável. Ah é! Porque a gente lembra de quando a gente era moça, aí meu Deus! Tantas coisas que eu fazia e agora eu não faço nada. Eu não sei ler nem escrever, mas eu fazia tudo de cabeça, tudo de cabeça [...] eu fazia. E agora eu lembro, meu Deus! Como é que eu faço. Eu começo a me lembrar, assim, e eu até paro porque eu não sei [...]. E parece que não é a gente que fez aquilo, parece que não foi a gente que fez aquilo (Dona Clarice- Entrevista: 04.08.2014).

Conforme já mencionou em algumas falas anteriores, ela já trabalhou muito e agora não se importa mais em trabalhar. Trabalhou tanto e não ficou rica. De certo modo, em sua velhice não sente muita vontade de trabalhar, pois os filhos de sua patroa (falecida) são responsáveis por prover os recursos necessários para sua permanência no Asilo. E já que eles organizam tudo que ela precisa não tem vontade e não tem necessidade dela fazer mais “Tenho, a Roberta, a filha deles. Eu estou aqui, mas tudo por conta deles. É por isso também que eu não tenho também muita vontade de trabalhar - (Dona Clarice- Entrevista: 04.08.2014)

Com relação a categoria *Inconformidade-Conformidade* compreendemos que alguns idosos conseguiram se acostumar com sua nova realidade, a de residente de uma

instituição, outros não conseguiram se adaptar, se acostumar e continuam esperando voltar para suas residências. Em suas inconformações-conformações, alguns idosos (as) acabam por criar novas raízes, recriar as raízes antigas, outros não conseguem criar esses laços e continuam almejando que as raízes antigas se restabeleçam. Percebemos que nas relações desenvolvidas, os ensinamentos e aprendizagens ocorrem por meio de demonstrações, gestos, xingamentos, olhares, silenciamento, como veremos a seguir.

Dona Fernanda é uma senhora que espera todos os dias por sua filha, ela fica com sua bolsinha sempre pronta, não deixa a bolsa por nada, sua bolsa é carregada para todos os lugares.

Percebi que Dona Fernanda está sempre com a mala na mão, antes de vê-la sentada já tinha visto ela andando na sala com a mala. A funcionária Adriana disse que ela sempre fica mesmo com a mala na mão porque ela fica esperando pela filha que às vezes a leva para casa (Diário V: 22.04.2014).

A inconformação de Dona Amélia é compreendida por meio dos xingamentos e dos pedidos de abertura do portão da instituição. Ela não se acostumou com ambiente do abrigo e mostra isso por meio de xingamentos. Ela xinga os idosos (as) e todas as pessoas que estão ou vão no local. Ela pede para ir para sua casa. Fica sempre ao lado do portão e pede para as pessoas abrirem a porta, toca a campainha.

Hoje falei um pouco com Dona Amélia, ela sempre fica na área, xinga bastante. É muito brava e sempre fica querendo abrir o portão. O portão fica sempre fechado com chaves e com cadeado para evitar que os idosos (as) que tem algum tipo de alteração saiam e venham se perder. Ela toca a campainha e fica esperando que as funcionárias abram. Quando chega alguma visita no abrigo, a campainha é tocada e o portão é aberto. Dona Amélia faz esse mesmo processo esperando enganar as funcionárias, como se fosse visita também. Eu perguntei para a diretora do abrigo se eu podia andar um pouco na calçada com Dona Amélia. Ela respondeu que sim, mas quando eu convidei Dona Amélia para passear ela me disse que não queria ir naquele momento, indicou para irmos mais tarde e eu aproveitaria e a levaria para sua casa. Ela disse que morava há duas quadras dali [...] (Diário VI: 02.05.2014).

Na fala de Dona Adélia percebemos que ela tinha se conformado em residir no abrigo. Ela construiu amizade com Senhor Bento, que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e por isso não conseguia mais falar e andar. Mas Dona Adélia consegue entendê-lo, por meio de gestos. Ela expressa que aprendeu a se comunicar com ele, e relatou: “quando ele quer beber água ele faz assim, quando ele quer café ele faz assim,

quando quer fazer xixi assim e quando quer comer assim”, ele é amigo, eu o entendo. Eu aprendi entendê-lo (Diário III: 07.04.2014).

Dona Clarice conta que também que veio para o Abrigo para não ser mais uma preocupação na vida de Roberta. Dona Clarice trabalhou por 60 anos numa casa de família. Viu os filhos de Dona Lúcia, a patroa, nascerem, desenvolverem-se e crescerem. Ela conta que seus patrões faleceram, mas Dona Lúcia antes de falecer pediu para seus filhos cuidarem de Dona Clarice, pois ela era como se fosse da família. Os patrões faleceram e ela foi morar na casa da sogra da Roberta, filha de sua patroa. Infelizmente, a sogra de Roberta também faleceu. Depois que a sogra da Roberta faleceu ela continuou morando nesta casa. Ela já não trabalhava mais, tinha uma empregada que tomava conta da casa. Dona Clarice conta que Roberta começou a ficar com muitos problemas, tinha muitas obrigações (com os filhos, com o marido que estava doente, com o trabalho, com os negócios que tem em São Paulo), e todos esses acontecimentos fizeram com que Dona Clarice começasse a pensar em não continuar mais dependendo de Roberta. O marido de Roberta também veio a óbito e Dona Clarice não queria que Roberta ficasse presa por causa dela. Quando eu perguntei para quê ela veio para o Abrigo ela me responde da seguinte maneira:

Por que eu vim? Porque eu já não fazia mais nada. Depois o marido da Roberta de câncer e ela ficou sozinha, mas ela tem a filha e dois filhos. Dois filhos já casados tem filhos moços, o filho está com dezessete anos. Ela ficou sozinha, mas ela vai ajudar o filho, tem que trabalhar, vai para São Paulo, eles tem negócios lá em São Paulo. [...] porque a Roberta ficou sozinha. O marido morreu e eu morei três anos lá com a sogra dela, mas ela morreu. E é só ela. Depois se eu ficasse lá a Roberta ia ficar presa por causa de mim. Ela não ia sair. Tinha perdido o marido, por causa do marido ela não ia [...], mas era marido. Aí eu pensei, meu Deus, a Roberta vai ficar só. Se eu ficar aqui ela vai ficar presa por causa de mim. Não tem nem cabimento, mas com coisa com a mãe, o marido. Agora o marido morreu ela tem que ter liberdade. Agora vai ter que ficar presa por causa de mim (Dona Clarice - Entrevista: 04.08.2014).

Diante desses acontecimentos Dona Clarice tem uma conversa com Roberta e nessa conversa fala que acha que vai morar com sua irmã. No entanto, Dona Clarice conta-me que Roberta pergunta-lhe se ela não queria morar em um asilo. Conforme o relato de Dona Clarice compreende-se que a ideia de vir morar no asilo não partiu dela e sim de Roberta, entretanto a mesma perguntou-lhe. Dona Clarice tinha a “opção” de ir residir na casa de sua irmã que tinha um gênio forte, segundo ela conta. Ao passo que

Dona Clarice vai contando-me sobre como ocorreu o processo de sua vinda vai-se percebendo o quanto a tomar a decisão é difícil, envolve sentimentos de angústia, medo, indecisão, convivência.

CONCLUSÃO

Estamos vivenciando a longevidade constantemente. A cada dia aumenta o número de pessoas mais longevas. Temos um grande desafio que tipo de condições sociais, políticas, econômicas, culturais, familiares proporcionaremos para este contingente populacional. A mudança no perfil etário brasileiro traz consigo um grande desafio do cuidado. A tendência é que esse contingente populacional aumente ainda mais. Com isso, gera-se uma preocupação com condições de cuidados que essas pessoas mais velhas estão tendo e terão neste futuro que, cada dia, está mais presente, a longevidade é momento atual (CAMARANO e KANSO, 2010).

Os processos educativos vivenciados por idosos (as), explicitados neste artigo apontam a existência da ‘da educação’ e das várias ‘educações’ enquanto processo de formação humana. Nesta “em que a visão de mundo, modos de encarar relações com o conhecimento” Silva (2014, p.19) geram entendimentos que permitem construir pensamentos, repensar ideias e retornar informações (SILVA, 2014).

Há muitos detalhes no olhar, no sorriso, no toque, no jeito de fazer os gestos, de movimentar as mãos, de abraçar, de apertar as mãos, de demonstrar afeto, carinho e amor. Esses detalhes só são possíveis de se observar quando somos permitidos e quando nos permitimos conhecer e compreender.

A compreensão que fica é a de que existem muitas possibilidades para estudar processos educativos, os quais estão presentes nas relações que estabelecemos em diferentes espaços. Estes processos estão presentes nas relações que se estabelecem entre comunidades que tem processos históricos diferentes de construções de saberes e práticas, ao desenvolverem trabalhos conjuntos de sobrevivência, de estratégias de vida e de transformação social (OLIVEIRA, 2003, p.120).

Não há um único sentido, uma única explicação definitiva mas, sim, um movimento de busca na experiência científica. Da profusão dos sentidos que a ela se possa dar, das interpretações que advirem de sua leitura, essa experiência vivida - particular e privada - poderá se aproximar de uma comunidade de experiência onde o leitor passa ser colaborador e conselheiro.

A contribuição e relevância social desta pesquisa se mostram na possibilidade de criar e recriar os locais ocupados por idosos (as) em nossa sociedade, porque “nosso papel não é de falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou de tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre sua e a nossa”. As falas, os gestos, o local onde estão inseridos, assim, “temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui”. Desse modo, “a ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancaria’ ou de pregar no deserto” (FREIRE, 2011, p.120)

Os processos educativos identificados podem contribuir na elaboração de outras reflexões, bem como de ações em espaços assistenciais para a pessoa idosa, de forma a garantir que os direitos humanos sejam respeitados e atendidos, bem como o planejamento e o funcionamento de espaços que sejam organizados para garantir uma gestão participativa de todas as partes envolvidas.

Espera-se que propicie novos olhares aos idosos (as) em processos mais humanitários de construção e transformação dos lugares que por eles (as) são ocupados em nossa sociedade.

Brandão (1981b), diz que não existe uma educação, mas várias educações. Existencia os diferentes modos de ser e fazer no mundo, mundo em que o ser humano é historicidade em decorrência de seus processos de criação e recriação. Existe muitos jeitos de ser e fazer que são exteriores à escola, há muitos conhecimentos que estão implicados no cotidiano das pessoas, em espaços que não os escolares, acadêmicos.

As aprendizagens que foram desencadeadas podem permitir recriar jeitos de ensinar-aprender-ensinar, podem ser utilizadas dentro da escola como subsídio para criar e recriar processos pedagógicos, conforme aponta Silva (2014).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 19ª Ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2008.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1.ed. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994. 365 p

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. In: _____. Pesquisa participante. São Paulo: brasiliense 1981b, p.9-16.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, vol.27, n.1, Jan./Jun de 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria. Tereza; LEMOS, V R. Cuidados de longa duração para a população idosa: uma questão de gênero? In: NERI, Anita Liberaleso. **Qualidade de vida: enfoque multidisciplinar**. Campinas-SP; 2007. P.127-149

COTA, Maria Célia. De professores e carpinteiros: Encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v.14, n. 27/28, p.203-222,jan/jun e jul/dez., 2000.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idades In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro - RJ: FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 253 p.

GONÇALVES, Marta Kawamura. **Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento: contribuições da educomunicação**. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6132

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 393p.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre a pesquisa educacional nos espaços sociais. **Anais da 32ª Reunião da ANPED**. Caxambu, Minas Gerais, p. 1-17, 04 a 07, out. 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf> Acessado em: jul. 2013.

OLIVIERA, Maria Waldenez de. **Processos Educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogos entre saberes e sujeitos**. 2003.152f. Relatório de Pós-doutorado (Educação Popular) – Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Departamento de Endemias “Samuel Pessoa”, Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Práticas Sociais e Processos Educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUZA, Fabiana Rodrigues de. **Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em Educação**. São Carlos: Edufscar, 2014.

SILVA, Sara Regina Moreira da. **Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica**. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos- SP,

2008. Disponível em:
<http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2196>

TODARO, Mônica de Ávila. A educação como veículo de mudança de atitudes em relação à velhice. In: _____. **Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas-SP: Papyrus, 2009. p. 25-42.(Coleção Vivacidade).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.